



O «mistério do corpo falante»

Il «mistero del corpo parlante»

Le «mystère du corps parlant»

The «mystery of the speaking body»

El «misterio del cuerpo hablante»

O corpo: consistência *do fala-ser*

A psicanálise sempre se ocupou do corpo, pois desde o início, o sintoma enraizado no corpo que apresentavam as histéricas, levou Freud a considerar seu valor de verdade. Através da conversão histérica, Freud estabeleceu as bases da psicanálise construindo a teoria das pulsões na tentativa de dar conta do excesso de excitação do corpo e a procura de encontrar sua satisfação através da relação de objeto que insiste mais além do que se obtém na satisfação da necessidade.

Mesmo se Freud pensava que a pulsão era essencial e o motor do psiquismo do indivíduo, para ele nunca deixou de ter o seu lado misterioso e inexpugnável, como afirma em 1920: «As pulsões são o elemento mais importante, mas também o mais escuro da teoria psicanalítica»¹. A insuficiência da pulsão na tentativa de encontrar a satisfação desejada, visto que o objeto nunca é o objeto que complementa totalmente o vazio gerado pela falta de satisfação, mostra a Freud o estatuto da perda originária do gozo do ser humano, impossível de recuperar.

Lacan retomará basicamente a teoria das pulsões de Freud, mas acrescentará diferenças significativas, uma delas é a sua articulação à linguagem, introduzindo uma ruptura fundamental entre o ser humano como parte do mundo animal, vivente, e o ser humano como ser falante. A tese de que o significante, entra no corpo pela via da demanda do Outro e a pulsão, constituem, durante um longo período, o eixo de seu ensinamento. Em *Radiofonia* defende esta tese, afirmando que o simbólico, definido como corpo, é o primeiro corpo que quando é incorporado, forma o segundo.²

Mas se retomamos as primeiras teorias em relação ao corpo, no ensino de Lacan, temos que ir à teoria do estágio do espelho de '49, na qual defende a tese de que o corpo está determinado pela sua imagem, tese inicial do seu ensinamento, mas que nunca abandonou totalmente, introduzindo algumas nuances importantes. Neste momento a percepção da imagem do corpo, funcionando como *gestalt* é a responsável da coesão do corpo diante da prematuridade do nascimento, específica do ser humano. A articulação da imagem com o organismo é o que produz o sentimento de unificação do corpo, junto com uma experiência de júbilo do bebê, que podemos entender como gozo. A prematuridade do ser humano comporta um vazio, uma falta, que se tenta preencher através da imagem.

No Seminário *Mais, ainda*, Lacan volta a questão do corpo como uma consequência de suas elaborações sobre o real e o vincula ao gozo, introduz a noção de corpo como “substância gozante”, fazendo alusão à condição primária de gozo do ser vivo, e ao corpo como seu suporte.³ Este gozo é o real que se localiza fora do simbólico, *ex-siste* ao simbólico, não é absorvido totalmente por ele, o que constitui o «mistério do corpo que fala»⁴. De consequência, o sujeito, sujeito do inconsciente, constituído pelo significante, deixa espaço ao *fala-ser*, ao indivíduo falante em seu ser específico de gozo, sujeito do corpo gozante, o que implica o corpo na sua presença afetado pelo gozo. Em '75, no *Sinthome*, aborda de novo o corpo afirmando que é a única consistência do *fala-ser*⁵, o define como suporte do imaginário remarcando a circunstância de sua presença, de sua localização no espaço, como uma das qualidades da consistência «...o corpo não se evapora e neste sentido é consistente».⁶

Como entender estas afirmações depois de suas elaborações sobre o corpo e o gozo em '72?, pois parece que Lacan, volta a valorizar o imaginário do corpo. Porém, ao final de seu ensinamento quando trabalha a questão do nó borromeano, no qual os três registros adquirem autonomia um em relação aos outros, e o simbólico perde sua prevalência sobre o imaginário e o real, o imaginário não mais remete somente à imagem, mas o núcleo do imaginário é a consistência. Utiliza o termo de pele para indicar que se trata de uma superfície mas no sentido de bolsa, pele como bolsa que envolve, que contém em seu interior os órgãos corporais coesos. O corpo, não é mais só imagem, visto que o imaginário implica o gozo, o real.

No Cap IV do *Shintome* lemos: «...o real se forma na medida do que não tem sentido, exclui o sentido ou mais exatamente o que se decanta por estar excluído dele. [...] A forma mais desprovida de sentido do que no entanto pode-se imaginar é a consistência»⁷. O real, o gozo, que está fora do sentido, mas não fora do corpo é a consistência do *fala-ser*. O corpo como substância gozante, lugar do gozo e para gozar, é o suporte do *fala-ser*, é condição do inconsciente real.

Lola López, Barcelona 19/02/2010.

Tradução: Blanca Sofia Bresani Di Battista

¹ Freud, S., «Mais além do Princípio de Prazer», 1920.

² Lacan, J., (1970), *Radiophonie*, in *Autres écrits*, Paris, Ed. Seuil, 2001, pag. 409.

³ Lacan, J., Séminaire 20, *Encore*, 1972, Paris, Ed. Seuil, 1975, pag. 19. Ed. Br. O Seminário, Livro 20, *Mais, Ainda*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1982.

⁴ Lacan, J., *Ibid.* pag. 158.

⁵ Lacan, J., (2004), *Le Séminaire*, Livre XXIII, *Le Sinthome*, 1975-1976, Paris, Ed. Seuil, pag. 66. Ed. Br. O Seminário, Livro 23, *O Sinthoma*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2007, pag. 64.

⁶ Lacan, J., *Ibid.*, Paris, Ed. Seuil, 2005, pag. 66.

⁷ Lacan, J., *Ibid.*, Paris, Ed. Seuil, pag. 65.